

Telecracia e a corrosão da política: a ascensão da extrema-direita desde a filosofia de Bernard Stiegler¹

Leonardo DE MARCHI²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Busca-se sistematizar a filosofia política do filósofo francês Bernard Stiegler (1952-2020) a fim de analisar a ascensão da nova extrema-direita. Desde o início do século XXI, Stiegler identificou a ascensão de forças políticas de extrema-direita como um *sintoma* da deterioração da vida política nas democracias (neo)liberais. Ao invés de ver a nova extrema-direita como uma *disfunção* política, o filósofo buscou pensar o fenômeno como um resultado possível de sociedades caracterizadas por um *consumismo acelerado*, que produz uma *estupidez sistêmica*, além da presença ubíqua de tecnologias digitais de informação que geram certa *miséria simbólica*, a qual corrói a capacidade dos indivíduos de escapar ao estado de consumismo generalizado. Por ter nas tecnologias da informação um vetor estruturante da política contemporânea, entende-se que a filosofia política de Stiegler merece uma sistematização desde os estudos de comunicação. Acredita-se que a partir do entendimento dos pressupostos de Stiegler, pode-se avançar na análise do fenômeno da nova extrema-direita em sua dimensão comunicacional.

PALAVRAS-CHAVE: Bernard Stiegler; Extrema-direita; Filosofia política contemporânea; Comunicação e política.

CORPO DO TEXTO

Busca-se sistematizar a filosofia política do filósofo francês Bernard Stiegler (1952-2020) a fim de analisar a ascensão da nova extrema-direita na vida política contemporânea. Apesar de ser majoritariamente conhecido por sua filosofia da técnica, Stiegler também se propôs a ser um intelectual público e, assim, pôs-se a pensar a política contemporânea. O que se pode rotular de filosofia política em sua obra deriva de sua crítica à economia política do capitalismo hiperindustrial, como preferia definir (Stiegler, 2010, 2018). De maneira relativamente precoce, o ano de 2002, Stiegler identificou a ascensão de forças políticas de extrema-direita como um *sintoma* da deterioração da vida política nas democracias (neo)liberais (Stiegler, 2003). Ao invés de diagnosticar os movimentos de extrema-direita como uma *disfunção* da política partidária, o filósofo buscou pensar o fenômeno como um resultado possível de sociedades caracterizadas por: (a) um *consumismo acelerado* que, ao prometer realizar os desejos dos consumidores,

¹ Trabalho apresentado no GP 32 Teorias da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Escola de Comunicação da UFRJ, e-mail: leonardo.demarchi@eco.ufrj.br

frustra sistematicamente a circulação dos desejos individuais e coletivos, (b) uma busca por *inovação permanente* que impede os processos de individuação técnica nos níveis psíquico e coletivo, criando uma (c) *estupidez sistêmica (bêtise systematique)*, uma desorientação em relação ao presente e uma conseguinte apreensão em relação ao futuro, além da (d) presença ubíqua de tecnologias digitais de informação, as quais são, em sua perspectiva, *tecnologias de controle* que colonizam o imaginário e a linguagem, gerando uma *miséria simbólica* que corrói a capacidade dos indivíduos de escapar ao estado de consumismo acelerado. A partir desse diagnóstico, Stiegler analisa a extrema-direita como um movimento lógico de sociedades em que a circulação do desejo entra em colapso, deixando aflorar alguma *pulsão de morte*. A extrema-direita daria corpo, assim, à frustração com a vida social e a política no sentido mais amplo, de *viver em comum* (Stiegler, 2013, 2018).

As tecnologias da informação têm um papel decisivo na interpretação do filósofo. A partir de sua leitura de Karl Marx e Gilbert Simondon, Stiegler entende que o advento das tecnologias da comunicação modernas iniciou um processo de colonização da dimensão simbólica, retirando dos indivíduos a capacidade de produzir símbolos coletivamente. Logo, a vida em comum – produzida pela criação coletiva de símbolos³ – passaria por um empobrecimento da autonomia humana, sendo objeto, portanto, de uma *proletarização do simbólico* ou, ainda, causando uma *miséria simbólica* (Stiegler, 2018). Esse *mal-estar (das unbehagen)* da civilização industrial alcançaria outra dimensão com as tecnologias digitais da informação, as quais se valem da coleta de dados de cada indivíduo a fim de fustigar o desejo de consumo por mais e mais mercadorias. Em chave deleuziana, Stiegler (2008, 2018) afirma que se trata de *tecnologias do controle*. O consumismo acelerado de nossa época resulta, contudo, na frustração sistemática do desejo dos indivíduos até o ponto em que ele se desintegra, deixando aflorar a *pulsão* que lhe subjaz – o que provoca um comportamento entendido pelo autor como *regressivo* (instintivo) do ponto de vista da vida social⁴ (Stiegler, 2010). Nesse sentido, os indivíduos deixariam de agir pela razão e passariam a responder aos *estímulos* dados pelas tecnologias industriais da consciência (meios de comunicação, publicidade), que

³ Isso deixa evidente que a definição de *humano* para Stiegler é caracterizada pela capacidade de produção de coletiva de símbolos.

⁴ Diagnóstico que Stiegler retira de sua leitura de Freud (1997).

transformam a lógica da vida social humana em algo similar à vida social das formigas – daí, sua alegoria do formigueiro para definir a sociedade de consumo (Stiegler, 2018).

A conseguinte frustração pessoal escorre para a vida social e, por conseguinte, para a política (que é, em sua concepção, a vida em comum). Em outras palavras, a miséria simbólica gera frustração do indivíduo consigo mesmo (sofrimento psíquico) e ódio ao outro dentro de uma sociedade cada vez mais vista como uma competição encarniçada entre empreendedores de si ou, em seus termos, uma *sociedade dissociada* (Stiegler, 2006). É dessa incapacidade de *amar, se amar e nos amar* (Stiegler, 2003) que a extrema-direita se alimenta para proferir uma política do *ódio ao outro* (escolhendo *bodes expiatórios*) mas que é, no limite, um ódio a si mesmo e à própria vida em sociedade (Stiegler, 2013).

As tecnologias do controle desempenham um papel estruturante na ascensão dessa nova extrema-direita. Desenvolvidas para fustigar incessantemente os indivíduos a agirem por impulso, ao mesmo tempo em que racionalizam cada aspecto da vida íntima de seus *usuários*, elas acolhem e, ao mesmo tempo, dão forma a ideias políticas baseada em fustigar o impulso destrutivo das massas. Assim, não se trataria tanto da extrema-direita *saber utilizar* mais adequadamente as mídias sociais do que os setores progressistas quanto dela deixar-se ser utilizada pelas mídias sociais. Afinal, uma vez que estruturam a vida social contemporânea, as tecnologias de controle corroem a esfera pública, o espaço coletivo de discussão e de tomada de decisão, ensejando uma impotência da vida pública (*impuissance publique*). Elas constituiriam, assim, uma *telecracia* (forma de tomada de decisão que substitui a ação coletiva pela soma caótica de opiniões pessoais virulentas) que se coloca contra a vida em comum ou, na definição do autor, contra a democracia (Stiegler, 2008).

Ao conceber a extrema-direita como uma força estruturante e estruturada da política contemporânea, Stiegler propõe uma solução que passa por uma *clínica* da vida política – proposta que retoma de Deleuze e Guattari (1976). O filósofo propõe que se realize, por seu turno, uma *farmacologia* da extrema-direita, isto é, um reestabelecimento das condições para que uma sociedade em sofrimento volte a produzir símbolos por si própria, reconstituindo um espaço comum de vida entre os sujeitos políticos. Isto seria viável através das artes, de outro uso das tecnologias digitais da informação, entre outras medidas que resultariam no que o autor rotula de algum *reencantamento do mundo* (Stiegler, 2006).

É decisivo notar que, pese seu passado marxista e sua íntima relação com o pós-estruturalismo crítico de Deleuze & Guattari e Jacques Derrida, Stiegler acaba por recair num julgamento de matriz humanista e, ao fim e ao cabo, liberal da vida social contemporânea. Sua apreciação sobre a ação coletiva retoma muitos dos preconceitos sobre a democracia de massas e sua extensão na esfera cultura, a cultura de massas. Sua leitura de Freud leva Stiegler a uma apreciação moral da extrema-direita: note-se que o autor reclama uma solução que passa por uma reforma moral das forças políticas; não uma reforma social ou até mesmo de um embate propriamente ideológico ou político. Assim, ele se coloca numa posição de superioridade moral em relação aos militantes da extrema-direita (uma posição moral supostamente *correta*), pressupondo que essas pessoas são incapazes de alcançar a razão. Com isso, o autor retoma uma leitura liberal clássica que, desde a emergência das massas na vida política, tende a perceber o outro como moralmente incapaz de ser razoável – uma vez que ele não concorda com o que o avaliador considera ser razoável. Essa é uma tradição de pensamento que comporta uma série de problemas teóricos assim como políticos, mas que evidencia a força do pensamento sobre política e cultura de massa, gestada no século XIX, em pleno século XXI.

Entende-se, portanto, que Bernard Stiegler desenvolveu uma teoria sobre a política contemporânea na qual as tecnologias da informação e a cultura de massas (ou hiper-massas, como prefere designar) desempenham um papel estruturante (e não apenas funcional), merecendo uma análise pela perspectiva dos estudos de comunicação. Assim, busca-se sintetizar, aqui, sua filosofia política, ressaltando sua dimensão comunicacional. Ao mesmo tempo, quer-se discutir os limites de seu pensamento, sublinhando as incongruências de sua análise. Acredita-se que a partir do entendimento dos pressupostos de Stiegler, pode-se avançar na análise do fenômeno da nova extrema-direita em sua dimensão comunicacional.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.
- STIEGLER, B. **La technique et le temps**. Tome II: la désorientation. Paris: Galilée, 1996.
- STIEGLER, B. **Aimer, s'aimer, nous aimer**: du 11 septembre au 21 avril. Paris: Galilée, 2003.
- STIEGLER, B. **La télécratie contre la démocratie**. Paris: Champs Essais, 2008.

- STIEGLER, B. **Réenchanter le monde**: la Valeur spirit contre le populisme industriel. Paris: Champs Essais, 2006.
- STIEGLER, B. **Reflexões (não) contemporâneas**. Maria Beatriz de Medeiros (Org. e trad.). Chapecó (SC): Argos, 2007.
- STIEGLER, B. **For a new critique of political economy**. London: Polity, 2010.
- STIEGLER, B. **Technics and time III**: Cinematic Time and the Question of Malaise. Standford: Standford University Press, 2011.
- STIEGLER, B. **Pharmacologie du Front National**: suivi du vocabulaire d’Ars Industriallis. Paris: Flammarion, 2013.
- STIEGLER, B. **Automatic society**. Vol. I: the future of work. London: Polity, 2017.
- STIEGLER, Bernard. **Da miséria simbólica, vol. I**. a era hiperindustrial. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.